



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ihane Cristini dos Santos Ferreira

Risonete Cortes de Miranda

Taina Priscila Pessoa Cordeiro

Evasão e retorno escolar de mulheres na 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo de caso na Escola Municipal de Educação Básica Piauí, município de Santana-AP

Macapá
2024

Ihane Cristini dos Santos Ferreira

Risonete Cortes de Miranda

Taina Priscila Pessoa Cordeiro

Evasão e retorno escolar de mulheres na 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo de caso na Escola Municipal de Educação Básica Piauí, município de Santana-AP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Sociologia na modalidade Educação a Distância – EAD, Departamento de Educação a Distância – DEAD, da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, como requisito à obtenção do título de licenciatura em Sociologia.

Orientador: Prof. Me. Miqueias Serrão Marques.

Macapá
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

Cordeiro, Taina Priscila Pessoa.
C794e Evasão e abandono escolar: um estudo de caso na 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal de Educação Básica Piauí, município de Santana-AP. / Ihane Cristini dos Santos Ferreira, Risonete Cortes de Miranda, Taina Priscila Pessoa Cordeiro. - Macapá, 2024.
1 recurso eletrônico.
24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Sociologia), Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2024.
Orientador: Miqueias Serrão Marques.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 2. Mulheres - Educação. 3. Evasão Escolar. I. Marques, Miqueias Serrão, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 371.2913

CORDEIRO, Taina Priscila Pessoa; FERREIRA, Ihane Cristini dos Santos; MIRANDA, Risonete Cortes de. **Evasão e abandono escolar: um estudo de caso na 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal de Educação Básica Piauí, município de Santana-AP.** Orientador: Miqueias Serrão Marques. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Sociologia. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2024.

Ihane Cristini dos Santos Ferreira

Risonete Cortes de Miranda

Taina Priscila Pessoa Cordeiro

Evasão e retorno escolar de mulheres na 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo de caso na Escola Municipal de Educação Básica Piauí, município de Santana-AP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, como requisito final para obtenção do título de licenciatura em Sociologia na modalidade Educação a Distância – EaD, pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Miquéias Serrão Marques (Orientador)

Profa. Dra. Adriana Tenório da Silva (Avaliador 1)

Prof. Dr. Tadeu Lopes Machado (Avaliador 2)

Macapá
2024

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL...	06
2.1 A EJA na Amazônia.....	08
2.1.1 O Retrato das Mulheres na EJA e o Contexto da Evasão Escolar	09
3. METODOLOGIA.....	13
4. RESULTADOS DA PESQUISA	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICES - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO	30
ANEXOS	35

RESUMO

Este trabalho aborda a problemática da evasão e abandono escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal de Educação Básica Piauí, localizada no município de Santana-AP. Os objetivos da pesquisa buscaram compreender os motivos que levam as mulheres a abandonarem ou se evadirem da escola e, posteriormente, retornarem. Identificar os principais desafios que as mulheres enfrentam para permanecer na EJA. A abordagem adotada é qualitativa e quantitativa, através de um estudo de caso, com aplicação de questionário, integrando métodos como pesquisa bibliográfica, análise documental (Projeto Político Pedagógico - PPP). O questionário foi aplicado na 1ª Etapa da EJA ao longo de quatro semanas, iniciando-se em 26 de maio de 2023 e concluindo-se em 16 de junho de 2023, para um grupo de nove mulheres. No grupo predomina a cor/raça composta por pardas, com média de idade de 32,7 anos e com uma média de afastamento escolar de 10,6 anos e a idade média em que retornaram à sala de aula é de 31,1 anos. Os resultados parciais do questionário proporcionam insights sobre fatores que influenciam na evasão e no retorno aos estudos, contribuindo para uma compreensão ampla dos desafios.

Palavras-Chaves: Educação de Jovens e Adultos. Mulheres. Evasão Escolar.

ABSTRACT

This work addresses the problem of school dropout and dropout in Educação de Jovens e Adultos (EJA) or Youth and Adult Education at the Municipal School of Basic Education Piauí, located in the municipality of Santana-AP. The objectives of the research sought to understand the reasons that lead women to abandon or evade school and, later, return. Identify the main challenges that women face in remaining at EJA. The approach adopted is qualitative and quantitative, through a case study, with the application of a questionnaire, integrating methods such as bibliographic research, document analysis (Pedagogical Political Project - PPP). The questionnaire was applied in the 1st Stage of EJA over four weeks, starting on May 26, 2023 and concluding on June 16, 2023, to a group of nine women. In the group, the color/race of mixed race predominates, with an average age of 32.7 years old and an average absence from school of 10.6 years old, the average age at which they returned to the classroom is 31.1 years old. The partial results of the questionnaire provided insights into factors that influence dropout and return to studies, contributing to a broad understanding of the challenges.

Keywords: Youth and Adult Education. Women. School Dropout.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa não apenas compreender os motivos que levam as mulheres a interromperem seus estudos, mas principalmente as motivações que as impulsionam a retornar e transformar suas trajetórias educacionais. O problema da pesquisa e os objetivos buscam elucidar os desafios enfrentados na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa destaca que uma das razões que levam as mulheres a interromperem seus estudos é a gravidez precoce. No entanto, o que as impulsionam a retornarem aos estudos é a ambição por uma qualificação profissional e estabilidade financeira.

A pesquisa foi conduzida por meio de um estudo de caso, com aplicação de um questionário semiestruturado aplicado a nove mulheres da EJA na Escola Municipal de Educação Básica Piauí, localizada em Santana, Amapá. O questionário foi aplicado na 1ª Etapa da EJA ao longo de quatro semanas, iniciando-se em 26 de maio de 2023 e concluindo-se em 16 de junho de 2023, nos turnos matutino e vespertino, considerando a disponibilidade das participantes.

A instituição de ensino, conforme delineado em seu Projeto Político Pedagógico - PPP (2022, p. 01), está estrategicamente localizada próximo ao Portuário do Igarapé da Fortaleza, que delimita Macapá e Santana. Sendo uma das pioneiras no bairro, atende alunos dos bairros Provedor I e II, Fazendinha e Fortaleza, oferecendo aulas para o ensino fundamental I e II nos períodos matutino e vespertino, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA) à noite. Sua infraestrutura compreende 13 salas de aula, sala dos professores, secretaria, diretoria, ginásio de esportes, sala de leitura, refeitório, biblioteca e banheiros adaptados. A escola possui fornecimento regular de energia elétrica, acesso à internet e água proveniente de poço artesiano. O corpo docente e administrativo é composto por 39 professores, cozinheira, auxiliar de cozinha, duas pedagogas e dois secretários.

O trabalho foi dividido em duas partes: primeiramente, uma contextualização da história da EJA no Brasil, suas dificuldades de implementação e seu público-alvo, utilizando uma revisão bibliográfica. Na pesquisa bibliográfica, destacam-se autores relevantes como Haddad (2000), Palácios (2017), Marques (2018), Novais (2019), Ferreira (2019) e outros.

O ponto central da pesquisa é compreender o cenário das mulheres na EJA. A segunda parte do trabalho explora as mudanças sociais relacionadas às mulheres, identificando problemas, causas, soluções e possíveis conflitos resultantes dessas transformações no contexto da educação. Resultados parciais da pesquisa são apresentados,

destacando informações relevantes obtidas por meio do questionário aplicado às alunas da EJA.

A pesquisa destaca-se por considerar não apenas os aspectos educacionais, mas também as transformações sociais que permeiam a vida das mulheres na EJA. Essa perspectiva ampliada possibilita uma análise mais abrangente dos fatores que influenciam a retomada dos estudos, considerando não apenas as motivações intrínsecas, mas também os impactos sociais e culturais que moldam as escolhas individuais.

Ao conectar a história da EJA no Brasil com as experiências específicas na região amazônica, a pesquisa contribui para uma compreensão mais holística do fenômeno. O questionário foi administrado a um público composto por 9 mulheres, cujas idades variam entre 18 e 42 anos. A média de idade desse grupo foi calculada em 32,7 anos, incluindo uma participante que se autodeclarou como amarela, uma como preta e 7 como pardas. Todas as participantes estão matriculadas na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), apresentando uma média de 10,6 anos afastadas da escola. A idade média em que retornaram para a sala de aula é de 31,1 anos.

2. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL

A cronologia da educação brasileira está intrinsecamente ligada à construção da própria história do Brasil. A identidade educacional do país teve seu início com a chegada dos portugueses e a introdução dos métodos jesuíticos, estabelecendo a catequese como o primeiro módulo educacional. Segundo Haddad (2000, p. 109), além da propagação do evangelho, os jesuítas transmitiam normas de comportamento e ensinavam habilidades necessárias para a economia colonial, inicialmente aos indígenas e, posteriormente, aos escravos negros. Contudo, a educação permanecia como um privilégio dos ricos, com cursos específicos para homens e mulheres. A reforma pombalina em 1759 introduziu mudanças na grade curricular, refletindo nas classes sociais e influenciando o desenvolvimento educacional do Brasil.

Uma forma de dividir as classes no Brasil, mas isso era ainda mais claro na época do Brasil Colônia, pois a educação era um privilégio de ricos, somente a eles eram ensinados os cursos de advocacia ou medicina, contudo, essa divisão ficava mais escancarada quando, por exemplo, às mulheres eram reservados cursos para afazeres domésticos, enraizando que ao homem e somente a ele era incumbido os direitos educacionais a serem utilizados no dia a dia.

Isso ocorreu até os eventos que mudaram o percurso da história educacional em 1759, foi nesse período que ocorreu o que os estudiosos chamam de reforma pombalina.

Para Marques (2018, p. 13) esse período passou a contemplar uma grade curricular que não copiasse o sistema de ensino que os jesuítas utilizavam, mas que também não colocava em evidência, por exemplo, um programa que contemplasse os jovens e adultos do país, isso refletia diretamente no alto índice de pessoas não letradas, ou alfabetizadas. Isso acabou afetando diretamente os rumos que o Brasil seguiu em todas as suas ações educacionais posteriores

Ou seja, ao passo que se desenvolvia o sistema educacional, a margem social ficava para trás, isso incluía toda a camada mais pobre do Brasil, impondo dessa forma um abalo nas expectativas de como cada um vivia, pois, o não acesso à cultura, lazer e principalmente a educação acabava por interferir diretamente na forma como a sociedade via aquela pessoa. Quando se fala de subserviência, é importante salientar que o país se desenvolveu com um ideal atrelado a depender das ações de outros, foi assim com a colonização e foi assim com a ditadura militar de 1964.

Um programa que levou 4 anos para sua criação, que integrava todos os setores da sociedade, que fazia com que principalmente os desprovidos de riquezas tivessem acesso à educação, acabou sendo interrompido pelo golpe de 64 e interferiu diretamente em todos os programas que o governo federal pretendia iniciar. Em seu lugar, por exemplo, criou-se o Movimento Brasil de Alfabetização – MOBRAL, assim como o PNAA que tinha como objetivo ser implementado em todo o Brasil, o MOBRAL chegou a todas as regiões, com sua intensificação, foram criando-se alguns programas paralelos, sendo o Programa de Educação Integrada – PEI, o mais importante deles (MARQUÊS, 2018, p. 13).

Conforme o sistema educacional se expandia, a marginalização social persistia, particularmente afetando a camada mais pobre da população. A falta de acesso à cultura, lazer e, sobretudo, à educação interferiam diretamente na percepção que a sociedade tinha dessas pessoas. A subserviência tornou-se uma característica do desenvolvimento brasileiro, dependendo das ações externas durante a colonização e a ditadura militar de 1964. O PNAA, que integrava todos os setores da sociedade e proporciona acesso à educação para os menos favorecidos, foi interrompido, interferindo em todos os programas subsequentes do governo federal. O MOBRAL, juntamente com o Programa de Educação Integrada (PEI), emergiu como resposta ao cenário educacional transformado pelo golpe de 64 (MARQUÊS, 2018, p. 14).

Ao aprofundar a análise da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Haddad e Di Pierro (2000) oferecem um balanço histórico que abrange diversos períodos. No contexto pós-redemocratização (1985), é crucial examinar como a EJA se adaptou e evoluiu diante das mudanças políticas e sociais. Além disso, os autores discutem três programas federais de educação de jovens e adultos: PAS¹, PRONERA² e PLANFOR³. Esses programas, cada um com sua abordagem específica, representam esforços para enfrentar os desafios persistentes da EJA no Brasil. O PAS (Plano de Ação Social) visou integrar programas educacionais, o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) teve o objetivo de atender às demandas específicas de trabalhadores rurais, e o PLANFOR (Plano Nacional de Formação Profissional) concentrou-se na formação profissional de jovens e adultos. A compreensão desses programas é essencial para analisar os esforços do governo brasileiro na promoção da educação de jovens e adultos, delineando o papel da EJA em meio às políticas educacionais contemporâneas.

2.1 A EJA NA AMAZÔNIA

O papel da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na sociedade é amplamente discutido, considerando variáveis como a idade e os motivos que podem influenciar o ensino, não apenas como um agente transformador no âmbito educacional, mas como um catalisador para mudanças propositivas na vida de cada aluno. A missão primordial da educação é proporcionar aprendizado contínuo. Contudo, surge a questão de como avaliar esse impacto na perspectiva da região amazônica, onde predominam especificidades sociais, culturais e econômicas. A região norte ou amazônica é detentora de pelo menos 59% de todo o Estado Nacional de acordo com o Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), mas isso não significa que é a porção brasileira que mais recebe incentivos, sejam eles fiscais ou de outras formas, isso implica nas formas como cada estado-membro lida com seus problemas que vão desde as necessidades básicas e principalmente educacionais, pois é nesta região que a presença de

¹ PAS (Programa de Avaliação Seriada): É um método de seleção da Universidade de Brasília (UnB) que ocorre ao longo de três anos consecutivos, permitindo que os estudantes comecem o processo ainda no primeiro ano do ensino médio.

² PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária): É um programa do governo federal que oferece educação básica e profissional para trabalhadores rurais assentados da reforma agrária, visando promover o acesso à educação e ao desenvolvimento rural sustentável.

³ PLANFOR (Programa Nacional de Educação e Formação Profissional): É um programa do governo federal voltado para a qualificação profissional de trabalhadores, buscando promover a inclusão social e o desenvolvimento econômico através da capacitação profissional e da geração de emprego e renda.

cheias, estiagem e vazante de rios são essenciais para alguns alunos, implicando no deslocamento de alunos do campo para a cidade, ou o abandono escolar ainda nas séries iniciais.

O impacto disto ocorre principalmente em áreas periféricas, e apesar dos avanços sociais, políticos e econômicos, a região amazônica em um contexto geral, continua a ser uma região de baixo desenvolvimento, seja por parte de recursos federais, seja por recursos estaduais e com o desenvolvimento ligado a extração mineral e vegetal, poucos lugares se desenvolvem tão bem, isso se dá devido ao fato de que maior parte das terras são preservadas, possibilitando o desenvolvimento de regiões mais longínquas, por exemplo.

Santos e Silva (2011, p. 01) retrata o fracasso escolar do ponto de vista pedagógico, isso se dá pelo fato de que a evasão é um problema social e não apenas da família ou escola. A escola como mantenedora do desenvolvimento social, deveria junto a família buscar soluções que englobasse a não evasão ou abandono por parte desses alunos, um ponto a ser retratado são oficinas, currículo extra, salas de leitura, salas de vídeo, desenvolvimento de atividades de cunho cultural, para que o aluno pudesse se sentir parte integrante da escola.

Segundo o levantamento divulgado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, o FGV Social, 14,5% das crianças estão fora das escolas. Sem contar o índice de evasão que aumentou nos últimos dois anos, devido principalmente a Pandemia da Covid-19, a partir de 2020, que impossibilitou que alguns tivessem acesso a aulas de forma remota, desmotivação, não acesso a internet, livros ou ambiente adequado para estudar.

Claro que a escola não é a principal causadora de todos os problemas, são várias causas atreladas ao problema e todo o aparato escolar não é suficiente, por exemplo, a falta de psicólogos, computadores, atendimento especializado, acervo de livros personalizados, dentre outros, são muitos os fatores que a escola não dispõe e que deve recorrer aos poderes que nem sempre procuram elucidar tais problemas (NERI, 2022, p.35).

2.1.1 O RETRATO DAS MULHERES NA EJA E O CONTEXTO DA EVASÃO ESCOLAR

Muitos são os motivos que levam as mulheres a se evadirem das instituições escolares, sendo a gravidez precoce um dos principais motivos para tal acontecimento, de acordo com a Secretaria de Saúde – SESA (2019), o Amapá tem taxa de gravidez na adolescência acima da média brasileira, tendo o Amapá ocupado a 5ª colocação na proporção de mães com menos de 19 anos, mas os dados mais preocupantes se referem as mães com menos de 15 anos, representando 1,37% dos casos. Esse é um dado que assusta, tendo em

vista que o período de aleitamento materno deve durar em média 06 meses, além de que durante a gravidez é a primeira desistência da aluna, durante a amamentação pode ocorrer até seu segundo ano de afastamento escolar, culminando em um período de até dois anos afastado do ensino educacional, ocasionando problemas na estrutura educacional das mulheres.

Diante desse cenário, nem tão recente, e da necessidade de aprofundarmos estudos e reflexões sobre as características da EJA na atualidade, faz-se urgente refletir e problematizar os delineamentos que a EJA vem vivenciando nos últimos anos e como vem se configurando o perfil dos educandos no estado do Amapá (NOVAIS; GOMES, 2019, p. 532).

Desta forma, é possível identificar que apesar de uma mudança de cenário de 1990 a 2023, as principais ocorrências sobre o abandono do ensino têm sido as mesmas de décadas atrás. Novais e Gomes (2019) estabelecem que a “gravidez na adolescência, ingresso precoce no mercado de trabalho, o ingresso no mundo do crime, a defasagem idade-série e a possibilidade de acelerar os estudos” (NOVAIS; GOMES, 2019 p. 24), ou seja, os mesmos problemas abordados em tempos passados continuam a ser as problemáticas atuais, a partir disso, surge um questionamento sobre a EJA e se a mesma vem cumprindo com seu papel na realocação de ensino e contribuição para uma melhoria de vida.

A transição para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) emerge como resposta às deficiências do sistema de ensino regular público, como enfatiza Carvalho (2009):

As deficiências do sistema de ensino regular público, como a evasão, repetência, que ocasionam a defasagem entre a idade/série, a possibilidade de aceleração de estudos (como o fato de concluir em menor tempo o Ensino Fundamental e Médio) e a necessidade do emprego, contribuem para a migração dos jovens à EJA (CARVALHO, 2009, p.78).

É importante salientar que aqui o autor evidencia um dos maiores, senão o maior problema da modernidade educacional, por que cada vez mais a juventude apresenta sinais de amadurecimento e isso acelera fases da vida desses jovens que refletem diretamente na forma como eles enxergam a sociedade em um contexto geral, por exemplo. Uma coisa leva a outra, por exemplo, a gravidez precoce inibe a formação educacional, gerando mais que um novo ser, dois novos pais despreparados que entrarão para a estatística dos jovens que evadem da escola para serem mãe e pai/chefe de família, sem nenhuma experiência, tendo que ir buscar trabalho e a escola fica em um terceiro plano.

A evasão escolar é um problema que afeta toda a comunidade escolar, pensar os problemas deste é de forma geral, de todos, sem exclusão de um ou outro. Professores, alunos

e corpo técnico docente, o que é necessário fazer para mudar esse cenário atual da sociedade brasileira? Primeiro é preciso entender que evasão nada mais é do que.

O abandono do aluno, que mesmo estando matriculado na escola, deixa de frequentar a sala de aula. As evasões escolares acontecem por diversos motivos como: condições socioeconômicas, culturais, geográficas ou até mesmo por questões referentes aos encaminhamentos didáticos – pedagógicos ou pela baixa qualidade do ensino das escolas (FERREIRA, 2019, p. 169).

Desta forma, é possível compreender que não existe um culpado na evasão escolar, mas um conjunto de fatores que auxiliam para que homens, mulheres e crianças abandonem a escola em busca de emprego, cuidados pessoais ou familiares, distância da escola, tudo contribui para que esse abandono seja sacramentado. Um ponto bastante importante a ser discutido é levantado por Gadotti (2000), onde afirma que:

Várias são as causas da evasão na EJA: causas sociais, políticas, culturais e pedagógicas. Entre as pedagógicas pode-se destacar a falta de uma proposta pedagógica em que as disciplinas sejam integradas, já que no mundo elas não estão separadas e, o adulto, por carregar um conjunto de saberes que produziu na prática social, precisa se “encontrar” nos conteúdos propostos para cada disciplina. (GADOTTI, 2000, p. 2).

Criando assim, uma rusga entre estudiosos e professores, pois em suas análises, entendem que os professores pouco se utilizam de técnicas para fazer com que o aluno sintasse parte pertencente a determinado grupo de estudos, tendo em vista que os alunos, principalmente os que são da EJA, não encontram facilidades em suas formas educacionais, isso gera o abandono, que pode resultar em um perigo para a formação, social, política e econômica, pois a escola é antes de tudo espaço do saber e da criação de cidadãos. Tendo como foco a mulher e seu papel na educação via EJA, é importante salientar que de acordo com o relatório anual socioeconômico da mulher.

Nas últimas décadas, o Brasil passou por intensas mudanças na estrutura demográfica da população que apontam para o aumento da expectativa de vida, redução da taxa de natalidade e mortalidade, alteração nos arranjos familiares e maior acesso ao saneamento básico. Tais alterações impactam na realidade da população feminina (RASEAM, 2017, p. 12).

A partir dessa análise é possível inferir que mercados de trabalho, educação e estilo de vida sofreram alterações significativas, impactando diretamente no modo como a mulher vai viver a sua vida nos próximos anos. Esse impacto é sentido principalmente nas mulheres que estão com estudos atrasados, visto que existe uma parcela da sociedade que sente

discriminação em relação a quem não tem o estudo completo, seja ele no campo social, seja ele no campo empregatício e isso é um dos fatores que fazem com que as mulheres retornem para a sala de aula.

Conhecer a realidade dos alunos é um passo crucial para o avanço da EJA, tendo em vista que a maioria dos professores não reconhece essas dificuldades dos alunos e buscam trabalhar de forma igual ao que trabalham no ensino fundamental ou médio, sendo que as realidades são totalmente diferentes, com alunos que possuem forma diferentes de aprender.

A partir de pontos como esse, é possível fazer alinhamentos e montar projetos baseados na realidade do educando, reinserindo-o no processo educacional escolar, com vistas a uma formação adequada e baseada em seus preceitos e limitações e saberes adquiridos ao longo da vida, desta forma é possível reduzir o número de alunos que evadem, mas é necessário observar que isso não é uma receita, é uma necessidade, entender essa realidade é um ponto crucial para o desenvolvimento dos estudos que regem a legislação da EJA.

No Amapá, outro fator que contribui para isso é a taxa de natalidade entre os jovens que vem crescendo nos últimos anos, segundo estimativas do portal da secretaria de saúde do estado (2019), um em cada quatro nascidos são de mulheres com menos de 19 anos. Isso acaba refletindo diretamente na saúde da mulher, abandono dos estudos, às vezes do trabalho, gerando uma dependência, não apenas emocional, mas também econômica do seu companheiro, o que acaba contribuindo também para os longos períodos em que as mulheres ficam longe das instituições de ensino.

Tendo isso em vista, é necessário entender como funciona essa realidade. Pois, a oferta existe, mas não é necessário apenas ofertar, mas sim, manter a conjuntura educacional, realizar propostas que proporcionem ao educando oportunidades, continuar estudando não deveria ser uma opção, mas sim um processo voltado para o equilíbrio social e educacional daqueles que recebem essa demanda. Ou seja, é necessária uma reforma na educação que possa operacionalizar tanto jovens, quanto adultos. Para Palácios (2017, p. 107-110), por exemplo, faz-se necessário entender as possibilidades da educação e entender a forma como o mundo pode melhorar, as mulheres atualmente buscam mais espaços no cenário nacional e internacional, mas é importante observar o quanto elas já conquistaram, ficando claro que essas vitórias, foram possíveis através da educação, essas alterações, resoluções e parâmetros estipulados ao longo desses acontecimentos, marcam exatamente a história da educação e a forma como as mulheres compreendem esses fatores. Priorizar o ensino é o ponto crucial, levar em consideração a individualidade e a história de cada um é essencial para que novos

abandonos não ocorram no decorrer do ano letivo, pois isso pode acarretar ainda mais no sucateamento do ensino.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa adotou uma abordagem mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos. Na estratégia qualitativa, buscou-se aprofundar a compreensão dos motivos intrínsecos por meio da análise de perguntas estruturadas. Por sua vez, a abordagem quantitativa possibilitou a análise estatística dos dados coletados através do questionário semi estruturado, que serviu como principal instrumento de coleta de dados e informações. Vale ressaltar que as perguntas fechadas da parte quantitativa do questionário semiestruturado dizem respeito à idade e à cor/raça das alunas da EJA. Para seleção das entrevistadas, primeiro foi realizada uma visita prévia para falar da pesquisa e ver um pouco da realidade educacional delas. No segundo momento, fizemos o convite aberto para que 09 alunas respondessem ao formulário. Para análise dos resultados usamos pseudônimos para todas as alunas. As respostas serão transcritas de acordo como foram respondidas.

Técnicas de Pesquisa:

Pesquisa Bibliográfica: uma breve revisão da literatura foi realizada para embasar teoricamente a pesquisa, explorando estudos prévios sobre evasão, abandono escolar e retorno na EJA, especialmente com foco em mulheres.

Análise Documental (PPP): o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição educacional foi analisado para compreender as políticas educacionais implementadas e seu impacto na evasão e retorno escolar.

Questionário Semiestruturado: foi elaborado um questionário semiestruturado, contendo perguntas abertas e fechadas, para coletar dados quantitativos e qualitativos junto a um grupo de 09 (nove) mulheres participantes da EJA na Escola Municipal de Educação Básica Piauí.

Um questionário é um instrumento de coleta de dados composto por uma série de perguntas padronizadas, destinadas a obter informações específicas de uma amostra da população-alvo. Segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 210), sua aplicação é geralmente autogerida, o que significa que os respondentes preenchem as perguntas por conta própria, sem a presença de um entrevistador. Isso permite uma coleta de dados mais eficiente e menos suscetível a influências externas.

Por outro lado, um formulário é um documento estruturado que pode conter diferentes tipos de questões, incluindo abertas e fechadas, e pode ser preenchido tanto pelo pesquisador quanto pelo entrevistado. Diferentemente do questionário, ele é frequentemente usado para coletar informações sobre características pessoais, demográficas ou administrativas. Segundo Gil (2017, p. 123), a principal diferença entre questionário e formulário está na forma como são administrados e na natureza das perguntas.

Quadro 01: perfil socioeducacional

ALUNAS	COR/RAÇA	IDADE	TEMPO AFASTADA DA ESCOLA	IDADE EM QUE RETORNOU A ESCOLA
01	Pardo	40	03 anos	37 anos
02	Pardo	41	06 anos	34 anos
03	Pardo	36	14 anos	34 anos
04	Pardo	35	20 anos	34 anos
05	Pardo	42	21 anos	42 anos
06	Preto	18	03 anos	18 anos
07	Amarelo	19	05 anos	19 anos
08	Pardo	27	10 anos	26 anos
09	Pardo	37	14 anos	36 anos
—	—	MÉDIA DA IDADE: 32,7	MÉDIA DE ANOS AFASTADO: 10,6	MÉDIA DO RETORNO A ESCOLA: 31,1

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

A pesquisa envolveu nove mulheres matriculadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal de Educação Básica Piauí, localizada em Santana - AP. O questionário foi aplicado ao longo de quatro semanas, iniciando-se em 26 de maio de 2023 e concluindo-se em 16 de junho de 2023, nos turnos matutino e vespertino, considerando a disponibilidade das participantes. Antes da aplicação do questionário, as participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, garantindo o consentimento informado, e o anonimato das respostas foi assegurado para preservar a privacidade das participantes.

O ambiente escolhido para a realização da pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Básica Piauí, localizado no município de Santana-AP. A pesquisa realizada em duas salas de aula, onde cada qual tinha matriculado 20 alunos, no dia da aplicação do questionário o público foi de 09 mulheres, entre 18 e 42 anos, com média de idade 32,7, sendo que 01 uma se considerada amarela, 01 que se considerou preta e 7 se consideram pardas. Todas estão cursando a modalidade de ensino EJA, a média de anos afastadas da escola é 10,6 e a média de idade em que retornou para a sala de aula é 31,1.

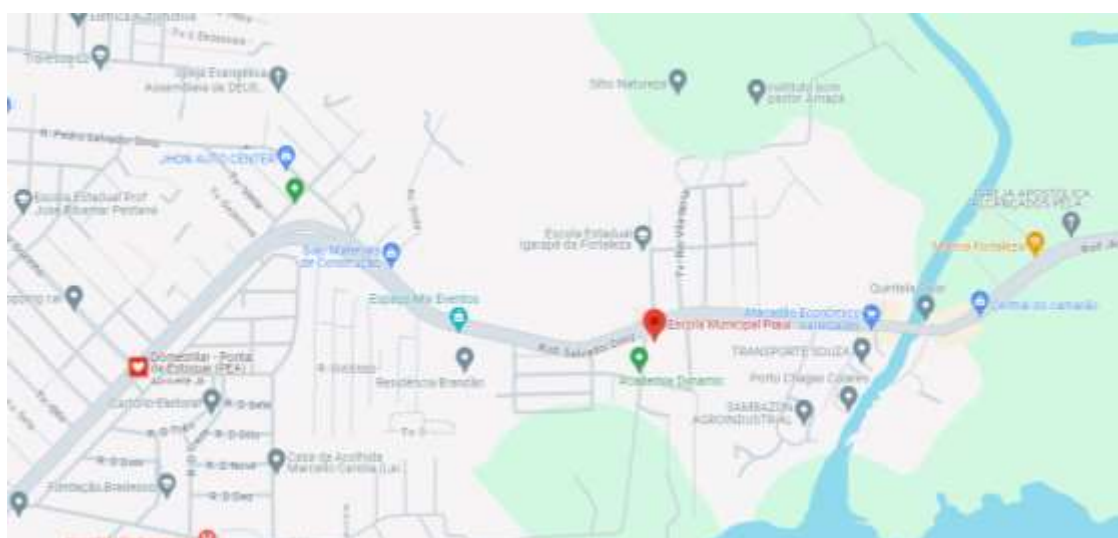
Figura 01: Escola Municipal de Educação Básica Piauí



Fonte: Acervo das autoras (2023).

A instituição de ensino está localizada à Rua Piauí, 01. Segundo o seu Projeto Político Pedagógico - PPP (2022, p. 1) a escola está situada próxima ao Portuário do Igarapé da Fortaleza que separa os municípios de Macapá e Santana. Está é uma das primeiras escolas do bairro e atende aos alunos dos bairros provedor I e II, Fazendinha e Fortaleza e conta com aulas para o ensino fundamental I e II no período da manhã e tarde e à noite atende alunos da EJA.

Figura 02. Localização da Escola Municipal de Educação Básica Piauí.



Fonte: Google Earth (adaptado em 2023)

De acordo com o Projeto Político Pedagógico – PPP (2022) da escola, a mesma conta com uma instalação de ensino que comporta 13 salas de aulas, sala dos professores, secretaria e diretoria, conta ainda com um ginásio de esportes e sala de leitura, refeitório, biblioteca e área verde, além de banheiros (com acessibilidade). Quanto à infraestrutura energia elétrica,

acesso a internet, água de poço artesiano. Atualmente a escola dispõe de 39 professores, além de cozinheira e auxiliar de cozinha, 02 pedagogas e 02 secretários.

4. RESULTADO DA PESQUISA

Pergunta 1 - Por quanto tempo você ficou afastada dos estudos e com que idade você reingresso na vida escolar?
Maria - 3 anos, parei com 16 anos e retornei com 19
Claudia - Parei de estudar aos 15 anos e retornei em 2023 com 18 anos.
Rita - 21 anos, retornei em 2023 com 42 anos

Esse período pode representar uma fase crítica de mudanças, onde fatores como desmotivação ou desafios pessoais podem ter influenciado a decisão de parar os estudos. Ferreira (2019) salienta que a interrupção na adolescência pode ter implicações significativas, e o retorno ativo aos 18 anos sugere um esforço consciente para retomar o caminho educacional. Este caso destaca a importância de estratégias de reintegração para diferentes faixas etárias, conforme discutido por Novais (2019) e Marques (2018), quando estes compreendem que é fundamental adaptar as abordagens educacionais para atender às necessidades específicas de cada grupo etário. A reintegração de adultos ao sistema educacional não apenas promove a inclusão social e a atualização profissional, mas também ressalta a importância de políticas e programas educacionais flexíveis e sensíveis às trajetórias individuais de aprendizado ao longo da vida.

A diversidade de respostas, como a interrupção de 20 anos da aluna 4, o afastamento de 14 anos da aluna 5 e a pausa de 4 anos após a gravidez da aluna 6, evidencia a complexidade dos desafios enfrentados pelos estudantes. A variedade de idades de retorno sugere que o interesse pela educação persiste ao longo do tempo, reforçando a necessidade de estratégias personalizadas de enfrentamento da evasão.

Pergunta 2 - O que levou você a abandonar ou desistir dos estudos?
Maria - Eu tenho falta de interesse de estudar, pela distância era um obstáculo para chegar à

escola e tinha dificuldade de acesso também.

Claudia - Por que comecei a trabalhar aos 15 anos como babá em Breves e Afuá com intuito de ter uma independência financeira, ainda jovem meu pai e minha mãe eram separados e isso acabou influenciando na busca por emprego.

Rita - Gravidez, não tinha quem ficasse com os filhos e quando tentei retornar o marido impediu. E agora resolvi retornar após uma conversa em que deixei claro que só ela ou Deus podia me impedir.

Nesse sentido, as discussões de Haddad (2000) sobre a desmotivação como fator de evasão, estão alinhadas com as análises de Ferreira (2019) sobre os desafios socioeconômicos relacionados à permanência na escola. Corroborando ainda com Novais (2019) o qual discute a influência de fatores familiares na evasão, ressaltando a importância de estratégias de reintegração sensíveis às dinâmicas familiares.

Carolina - Como eu era estudante eu gostava muito de jogar futebol e não tinha o compromisso que tenho hoje com os estudos. E também não gostava de matemática, não tinha minha motivação dos familiares.

Esse cenário ilustra a complexidade dos motivos que podem levar ao abandono escolar, evidenciando a necessidade de estratégias que considerem múltiplos aspectos, conforme discutido por Palácios (2017).

Mariana - É assim, eu me casei, tive minha filha e fui cuidar da família. Também trabalhei durante 8 anos em uma loja de confecções para ajudar na renda e não era possível conciliar, casa, filho, trabalho, marido e escola.

Ana - Família, marido, filhos, cuidar dos afazeres de casa.

Joana - E abandonei por que tinha dificuldade de acessar a escola quando mais nova. A escola ficava distante e isso me fez parar de estudar.

Roberta - Me casei com 22 anos, me tornei mãe e dona de casa, com isso não tive mais tempo para estudar, a escola ficava longe.

Amanda - Não tinha tempo para ir à escola e então resolvi parar de estudar. Ajudava em tarefas de casa.

Esses relatos refletem a interconexão entre as esferas familiar e educacional, destacando a importância de políticas educacionais sensíveis às realidades familiares, conforme apontado por Marques (2018).

Pergunta 3 - Quais motivos fizeram com que você retornasse à escola?
--

Mariana - Para mim, foi em busca de um futuro melhor, porque hoje eu sei que os estudos ele é importante para ingressar e ter uma casa melhor, uma vida melhor e isso só se consegue estudando.

Ana - Terminar meus estudos, entrar em uma faculdade, terminar e arrumar emprego, fazer concurso.

Joana - Por que quero fazer uma faculdade e ter uma vida profissional melhor. E também aprender mais as coisas, como tenho aprendido já.
--

Roberta - Vi que o retorno à escola poderia me dar a oportunidade de fazer faculdade, conseguir emprego, passar em concurso público.
--

Essa aspiração reflete a visão do estudo como um meio não apenas de empregabilidade, mas também de progresso acadêmico e profissional, corroborando com as ideias de Novais (2019). Esse ponto de vista reflete a percepção do estudo não apenas como um meio de obtenção de emprego, mas como um caminho para o desenvolvimento pessoal, conforme abordado por Ferreira (2019) o que corrobora com as discussões de Haddad (2000) sobre a correlação positiva entre educação e qualidade de vida.

Essa visão ampla ressalta a polivalência dos benefícios educacionais, alinhando-se aos discursos de Marques (2018) sobre as múltiplas oportunidades proporcionadas pelos estudos.

As histórias dessas alunas destacam não apenas a busca por qualificação profissional, mas também a compreensão do estudo como um catalisador para o crescimento pessoal e o alcance de objetivos mais amplos. Essas motivações fornecem insights valiosos para o desenvolvimento de estratégias educacionais que incentivem não apenas o retorno à escola, mas também a persistência nos estudos em busca de realizações mais abrangentes.

Pergunta 4 - O que motiva você a continuar na escola?
Maria - O motivo que quero terminar os estudos e ter um futuro melhor, e poder, aprender e ter conhecimento. E quero poder aprender cada vez mais nos estudos.
Claudia - A busca por esse título de bacharel em enfermagem, e por minha mãe, ela é o amor da minha vida, pois ela não terminou os estudos e eu quero dar uma vida melhor para ela, um conforto, um bem-estar.
Rita - Meus filhos, por que acho que um não quer que eu volte a estudar e eu estudando funciono como um espelho, aí eles sentiram a necessidade de estudar, de ter um futuro melhor, ter meu próprio emprego, com uma boa remuneração e não depender de homem.
Carolina - O objetivo de concluir e alcançar o nível médio, e repassar o conhecimento sempre para minha família.
Mariana - Eu penso em mim, na minha filha e num futuro melhor para mim e ele. Não irei parar por aqui. Penso em seguir em frente, fazer o curso de ciências sociais.
Ana - Participar das aulas com os colegas e pensar em um futuro melhor.
Joana - A não ter que depender de ninguém para saber das coisas e algumas matérias e não poder depender. É terminar meus estudos.
Roberta - Aprender mais, o incentivo da família, passar na faculdade, o apoio dos filhos.
Amanda - Ter um futuro melhor e um bom emprego.

Alinhando-se às perspectivas de Haddad (2000) sobre a educação como agente transformador, essa visão progressista reflete as interconexões entre os objetivos individuais e os laços familiares, conforme discutido por Novais (2019), bem como o impacto familiar na

decisão de continuar estudando, conforme discutido por Marques (2018). Essa concepção também se alinha aos discursos de Ferreira (2019) sobre a educação como meio de construir trajetórias pessoais e profissionais, além das discussões de Palácios (2017) sobre o ambiente escolar como facilitador para a aprendizagem. Essa perspectiva coaduna com a ideia de Haddad (2000) sobre a educação capacitar indivíduos. Tais motivações convergentes refletem a importância do apoio social e da visão de longo prazo na decisão de persistir nos estudos, conforme discutido por Ferreira (2019) e Marques (2018).

Perguntas 5 - Qual a maior dificuldade para continuar estudando?
Maria - A dificuldade de se manter na escola financeiramente, pois eu moro sozinha e eu sou ajudada pela minha família que mora no interior. Às vezes também para comprar material escolar, para me manter.
Claudia - Os horários, pois trabalho durante o dia, indo às 05h da manhã e término às 17h. Trabalhando em um mercado o que me causa muito desgaste, cansaço e fico com preguiça de vir estudar.
Rita - Hoje não possuo nenhum impedimento, pois até o emprego eu deixei para focar somente nos estudos, os filhos já estão todos grandes e não representam impedimento.
Carolina - Não tenho dificuldade de continuar os estudos.
Mariana - Conciliar o trabalho, o cansaço, pois eu viajo, pois trabalho como autônoma e isso é uma luta diária. Passo pelo menos uma semana fora e quando volto já é com desânimo, não é mais a mesma coisa.
Ana - Minha dificuldade é por que trabalho, tenho filho pequeno que precisa de atenção, afazeres domésticos, cuidar da casa do filho e vim para a escola.
Joana - Algumas condições financeiras por que é ruim às vezes não ter como comprar materiais escolares. E também eu moro longe e no horário da noite eu não tenho um transporte para me locomover até a escola que é perigoso.
Roberta - Cansaço do dia a dia. Tenho que trabalhar e cuidar da casa e dos filhos, na hora de ir para a escola dá um desânimo, às vezes faltam materiais para fazer os trabalhos.

Amanda - As vezes é a distância, pois a escola fica um pouco distante e isso me afeta um pouco.

Essa realidade complexa reflete as discussões de Haddad (2000) sobre a relação intrínseca entre as condições socioeconômicas e a evasão escolar, ilustrando também a tensão entre jornadas de trabalho extensas e a busca por educação, como corroborado por Ferreira (2019) ao analisar os desafios enfrentados por trabalhadores e estudantes. Alinhando-se às discussões de Palácios (2017) sobre a necessidade de estratégias adaptativas para diferentes contextos profissionais, essa sobrecarga de responsabilidades também ecoa as análises de Marques (2018) sobre os impactos da maternidade na continuidade dos estudos. Nessa mesma linha de raciocínio, essa realidade ressoa com as análises de Novais (2019) sobre os diversos elementos que contribuem para a evasão escolar, evidenciando assim a complexidade do fenômeno.

Pergunta 6 - Quais condições você considera ideal para acesso e permanência das mulheres nas escolas?

Maria - Quero respeito, por que eu acho que as mulheres são menos favorecidas em vários aspectos da sociedade incluindo os estudos.

Claudia - Um ensino mais aplicável principalmente em matemática, tentar estabelecer uma forma que seja possível ensinar e a gente aprender.

Rita - Acho que uma intensificação de ações de políticas, de saúde como gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis. Por que até o momento a escola não oportunizou nenhum programa como esse para alertar as mulheres.

Carolina - Na organização em sala de aula pelo motivo de estudar com pessoas mais novas. Ter o incentivo da escola para fazer com que nós melhoremos e não venhamos a desistir.

Mariana - Tem muito professor que coloca os alunos para baixo. Acho que os professores têm que entender mais a realidade do aluno, por exemplo, não entendem que os alunos da EJA tem uma dificuldade, por exemplo, em matemática.

Ana -Penso que as mulheres voltam a estudar para um futuro melhor, para conseguir emprego, fazer concurso.

Joana - Ter boa sala de aula na escola, ter o respeito dos outros colegas pois aqui na escola às vezes nos sentimos desrespeitadas por uns e fora daqui também, devido a idade que temos.

Roberta - Organização, por que na maioria das vezes, os colegas mais novos não colaboram com os que têm mais idade, queremos nos concentrar para estudar e fica muito barulho mas respeito.

Amanda - Ter uma boa estrutura da escola e motivação dos professores.

As alunas expressaram diversas necessidades fundamentais para o acesso e a permanência das mulheres na escola. Destacam-se o respeito, apontado como essencial para combater a desigualdade de gênero, e a necessidade de um ensino mais prático e aplicável, especialmente em disciplinas como matemática. Além disso, ressaltam a importância de políticas de saúde que abordem questões como gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, sugerindo a implementação de programas educativos. A organização em sala de aula é destacada, principalmente ao lidar com colegas mais jovens, e o incentivo da escola é visto como crucial para evitar desistências. A compreensão dos professores sobre a realidade dos alunos, especialmente daqueles da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é mencionada, assim como a motivação das mulheres para estudar visando um futuro melhor. A importância de uma boa estrutura escolar e do respeito dos colegas também são ressaltadas para que as mulheres se sintam acolhidas e motivadas a permanecer na escola.

Pergunta 7 - Em algum momento da sua vida você se sentiu discriminada por não ter concluído seus estudos, Como foi esse processo? Como você se sentiu?

Maria - Sim. Por não saber muitas matérias, os colegas ficavam zoando. E por ter idade avançada e achar que estou atrasada. Eu me sentia triste, pensava em várias coisas e isso me deixava mais pra baixo.

Claudia - E muito, me senti péssima, horrorizada, humilhada e esse é também um dos motivos que me fizeram voltar a estudar. Triste, pois não gostava de ouvir que eu não seria ninguém, que ficaria no fundo do poço.

Rita - Por uma parte sem, outra parte não, me senti mal por minhas colegas já terem todas

formadas, empregadas. E minha resposta é: formei 5 filhos em casa.
Carolina - Não me senti constrangida em nenhum momento, por que nunca me questioneei em relação a isso. O processo foi normal para mim apesar de não querer, eu era muito incentivada a voltar.
Mariana - Já, várias vezes, inclusive esse é um dos motivos de eu retornar aos estudos. Pois em 2020, passei por uma situação de constrangimento por estar me relacionando com alguém que possuía nível superior. Essa é uma coisa que eu coloco na minha cabeça “um dia ele vai me ver em cima”. Me sentia inferior. Chegando a ser constrangida em lugares públicos.
Ana - Sim, foi difícil para pessoas perguntarem por que você não termina os estudos, me senti triste.
Joana - Me senti discriminada, por que as vezes eu ficava com receio quando alguém me perguntava se eu já tinha terminado o estudo, e depois não sabia também explicar certos assuntos por não saber de alguns assuntos e eu via que algumas pessoas me olhavam com olhar de julgador.
Roberta - Sim, quando tentei conseguir emprego, por não ter nem uma formação, não consegui. Encontrei com colegas que terminaram os estudos bem empregados e com isso fiquei triste por não ter completado os estudos.
Amanda - Me senti, porque todo mundo me via e olhava muitas vezes com olhar de pena.

As respostas das alunas revelam experiências de discriminação e constrangimento associadas à não conclusão dos estudos, evidenciando os impactos psicológicos e sociais dessa situação. Algumas relatam terem sido alvo de zombarias e pressão social, o que as deixava tristes e rebaixadas. Outras descrevem sentimentos de horror, humilhação e previsões pessimistas sobre o futuro, motivando-as a retornar aos estudos. Por outro lado, algumas reconhecem a frustração por não alcançar conquistas acadêmicas, mas também destacam realizações em outras áreas da vida. Há relatos de suporte social que influenciaram positivamente a percepção pessoal da não conclusão dos estudos. No entanto, há quem compartilhe experiências de constrangimento em relacionamentos interpessoais e no ambiente

profissional, destacando a complexidade e as diversas dimensões do estigma associado à essa questão.

‘Pergunta 8 - Em algum momento você pensou em parar novamente?
Maria - Não pensei em nenhum momento, por mais que seja difícil, mesmo assim vou continuar e não vou parar, por que agora estou mais determinada a não desistir.
Cláudia - Acho que umas 10x já senti vontade de parar, por que é muito cansativo, até já falei para a mamãe que ia parar, mas como já está no final do ano irei continuar. Ano que vem pretendo ir ao SESI para cursar 3 anos em 1 e conseguir me formar em tempo mais acelerado.
Rita - Já passei, porque a matemática só falta me deixar maluca, o professor dá um branco. Esse é um dos materiais que já me fez pensar em desistir. E os jovens de hoje são muito bagunceiros e atrapalham a aula e isso me desmotiva.
Carolina - Sim, pois como sou uma mulher requentada eu via a bagunça na sala e queria desistir logo, pois era e é muito barulho e bagunça. Então me desmotiva por isso, em ver a bagunça e não ter como aprender com foco.
Mariana - Não, porque eu quero chegar logo e tenho como meu alvo a faculdade.
Ana -Não, porque quero concluir meus estudos, entrar na faculdade e conseguir um emprego.
Joana - Sim, pensei que às vezes não tenho muito incentivo familiar e isso também me desmotiva as vezes.
Roberta - Não por que preciso conseguir emprego e conhecimentos, com estudos tenho certeza que consigo algo melhor.
Amanda - Pensei em parar.

As respostas das alunas revelam uma variedade de sentimentos e desafios enfrentados ao considerar a possibilidade de parar novamente os estudos. Algumas demonstram uma determinação inabalável em não desistir, mostrando uma resiliência forte e uma motivação

persistente. Outras compartilham experiências de cansaço e momentos de consideração de desistência, mas traçam planos estratégicos para superar os obstáculos. Há também relatos sobre a matemática como fonte de desmotivação e a influência negativa da bagunça na sala de aula em decisões de considerar desistir. Por outro lado, algumas alunas mostram firmeza em não parar, destacando objetivos como alcançar a faculdade e garantir emprego como impulsos para sua persistência. Elas enfrentam desafios distintos, desde a falta de incentivo familiar até a associação da continuidade dos estudos à necessidade de conquistar emprego e ampliar conhecimento. Essas experiências ressaltam a importância de fatores sociais, econômicos e emocionais na trajetória educacional das alunas, destacando a diversidade de desafios enfrentados na busca pela conclusão dos estudos.

Pergunta 9 - Como você lida com o equilíbrio entre os estudos e sua vida pessoal?
Maria - É normal, consigo equilibrar os estudos com a vida pessoal. Hoje em dia, por que a 3 anos atras eu não tinha esse equilíbrio que eu tenho hoje. Por eu ter mais um amadurecimento.
Claudia - Ultimamente tem sido um desastre, saiu dos eixos, venho faltando muito e o cansaço já me fez dormir em sala. Eu acho que vou reprovar em falta, talvez além de que minha mãe teve filho recente e eu tenho que ajudar o que vem me causando faltas, outro motivo é eu morar no provedor II, o que me faz chegar atrasada com frequência.
Rita - Já passei, por que a matemática só falta me deixar maluca, o professor dá um branco. Esse é um dos materiais que já me fez pensar em desistir. E os jovens de hoje são muito bagunceiros e atrapalham a aula e isso me desmotiva.
Carolina - Eu lido tudo normal com equilíbrio sobre medida. Um não interfere no outro, dá para associar os dois com leveza.
Mariana - Eu tento manter por parte, não posso confundir casa, estudo e trabalho. Em tudo coloco horário para que eu possa estar na escola e procurar conciliar tudo, principalmente priorizando a filha, depois o estudo e estabeleço um padrão de trabalho.
Ana - Com dificuldade, pois preciso trabalhar, cuidar de casa, dos filhos e ajudar na economia, tirar tempo para estudar, vim para a escola e resolver dos trabalhos.

Joana - Eu tenho uma dificuldade, por que as vezes eu trabalho em ainda atrapalha um pouco no meu estudo, principalmente quando tem prova por que não dá para mim estudar.
--

Roberta - Eu tenho dificuldade, porque trabalho e muitas vezes não dá tempo para estudar para os trabalhos e provas.
--

Amanda - Eu tento lidar da melhor forma possível, pois não quero que algo venha fazer eu desistir.
--

As respostas das alunas destacam diferentes abordagens em relação ao equilíbrio entre os estudos e a vida pessoal, revelando desafios e estratégias de conciliação. Algumas alunas, como a primeira, enfatizam o amadurecimento ao longo dos anos, indicando que hoje conseguem equilibrar os estudos com a vida pessoal de maneira normal, sugerindo uma evolução pessoal facilitadora na gestão dessas duas esferas. Outras, como a segunda, descrevem situações desafiadoras recentes, marcadas por faltas frequentes e cansaço extremo, relacionados à responsabilidade de cuidar de familiares e à distância geográfica da escola, impactando negativamente o desempenho acadêmico. As demais alunas revelam diferentes abordagens na gestão desse equilíbrio: uma adota uma perspectiva resiliente, outra descreve uma integração harmoniosa, uma terceira prioriza horários específicos, enquanto uma quarta enfrenta sobrecarga associada a múltiplas responsabilidades.

Essas experiências ressaltam a diversidade de estratégias e obstáculos enfrentados pelas alunas na busca pelo equilíbrio entre suas obrigações acadêmicas e pessoais. Algumas compartilham desafios semelhantes relacionados ao trabalho, que às vezes interferem nos estudos, enquanto outras destacam a determinação em superar obstáculos e evitar a desistência, evidenciando a complexidade dessa conciliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Piauí, apesar de não contar com uma das melhores infraestruturas e não dispor de muitos materiais que possam atualizar suas metodologias, busca em conjunto com o corpo técnico e professores elucidar os maiores entraves educacionais do bairro, ofertando aulas presenciais para pelo menos 60 alunos pela manhã e cerca de 214 alunos pela noite, esses aspectos a colocam sob uma ótica de unicidade, tendo em vista que problemas sempre ocorrerão no sistema básico de ensino, sobretudo onde se há poucos investimentos. A referida escola é uma das pioneiras na EJA no bairro e com o advento da militarização do ensino, hoje é a única escola que oferta a EJA.

Uma observação realizada por Palácio (2017) é de que em todas as regiões, as mulheres demoram mais tempo estudando, enquanto os homens menos, no entanto, existem mais homens analfabetos que mulheres, isso denota que em geral, as mulheres levam mais tempo estudando por fatores externos, gravidez precoce e se tornar chefes de famílias muito cedo, acaba por alongar o tempo de estudo das mulheres, abdicando de parte de seu tempo, sacrificando principalmente os estudos. Apesar de serem outros tempos e a mulher já ter conquistado espaço com muita luta em vários lugares, ainda é latente que as mulheres continuam tendo mais tempo em sala de aula do que os homens.

A pesquisa foi conduzida em duas salas de aula, cada uma com 20 alunos matriculados, um questionário foi administrado a um público composto por 9 mulheres, cujas idades variam entre 18 e 42 anos. A média de idade desse grupo foi calculada em 32,7 anos, incluindo uma participante que se autodeclarou como amarela, uma como preta e 7 como pardas. Todas as participantes estão matriculadas na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), apresentando uma média de 10,6 anos afastadas da escola. A idade média em que retornaram para a sala de aula é de 31,1 anos. Estes resultados fornecem uma visão abrangente do perfil demográfico e educacional do grupo analisado.

A sociologia ajuda a compreender experiências educacionais de mulheres que tiveram que abandonar a escola ou se evadir e depois retornar para buscar concluir seus estudos.

REFERÊNCIAS

HADDAD, Sergio. PIERRO; Maria Clara Di. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de educação**, n. 14, p. 108-194, 2000.

NOVAIS, Valéria Silva de Moraes; GOMES, Mateus Paulino Ramo. Educação de jovens e adultos no Amapá: Perspectivas e comportamentos sobre seu perfil atual. **Revista Exitus**, v. 9, n. 5, p. 24-532, 2019.

BRITO, Maria Betânia Gomes da Silva; PRADO, Edna Cristina do; SILVA, Maria Jeane Bonfim da. **Políticas Públicas Educacionais para a Educação de Jovens e Adultos: Um desafio constante**. Alagoas: Autentica, 2011.

CITTADIN, Diego; BADALOTTI, Greisse Moser. **EJA e mulheres: os motivos e objetivos do retorno das mulheres a escola na EJA unidade de Urussanga-SC**. Santa Catarina, 2014.

DAMASCENO, M. R. V. O. et al. **Fatores da evasão escolar dos alunos da Escola José do Patrocínio, da Educação de Jovens e Adultos – EJA, no Distrito de Fazendinha em Macapá, Amapá - Brasil**. V Congresso de Educação Nacional, 2017.

FERREIRA, Gabriella Rossetti. **Educação: Políticas, estruturas e organização**. Paraná: Ed. Atena, 2019.

FILHO, Raimundo Barbosa; ARAUJO, Marco de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação por escrito**, v.8, n. 1, p. 39, 2017.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

MARQUES, Poliane de Oliveira. **História da Educação de Jovens e Adultos (EJA no Brasil): Breves reflexões**. João Pessoa, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 8ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

NERI, Marcelo Côrtes; OSORIO, Manuel Camillo. Retorno para Escola, Jornada e Pandemia. Rio de Janeiro: **FGV Social**, 2022.

CARVALHO, Roseli Vaz. **A Juventude na Educação de Jovens e Adultos: uma categoria provisória ou permanente?** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Paraná, 2009.

SECRETARIA de Saúde orienta sobre riscos de gravidez na adolescência. **Governo do Estado do Amapá**, 06 fev. 2019. Disponível em: <https://portal.ap.gov.br/noticia/0602/secretaria-de-saude-orienta-sobre-riscos-de-gravidez-na-adolescencia>. Acesso em: 28 dez. 2023.

SILVA, Eduardo Soares; MELO, Joandra Araújo Barreto de. Ensino de geografia, violência urbana e sua relação com a pichação e a grafiteagem no espaço escolar. **Revista Geosaberes**, v. 9, n. 19, p. 1-11, 2018.

SILVA, Eliana Maria; SANTOS, José Ozildo dos. Evasão escolar: Um problema, várias causas. Paraíba: **Revista Brasileira de educação e saúde**, 2015.

ROCHA, Rayane; ARAÚJO, Thayana. Região Norte apresenta maiores índices de evasão escolar, aponta FGV. **CNN BRASIL**, Rio de Janeiro, 08 fev. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/regiao-norte-apresenta-maiores-indices-de-evasao-escolar-aponta-fgv/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIOS ALUNO

Qual sua idade? _____

Com qual Cor/Raça se identifica: Preto [] Pardo [] Branco []

Indígena [] Amarelo []

1) Por quanto tempo você ficou afastada dos estudo e com que idade você reingressou na vida escolar?

2) O que levou você a abandonar ou desistir dos estudos?

3) Quais motivos fizeram com que você retornasse a escola?

4) O que motiva você a continuar na escola?

5) Qual a maior dificuldade para continuar estudando?

6) Quais condições você considera ideal para acesso e permanência das mulheres nas escolas?

7) Em algum momento da sua vida você se sentiu discriminada por não ter concluído seus estudos. Como foi esse processo? Como você se sentiu?

8) Em algum momento você pensou em parar novamente?

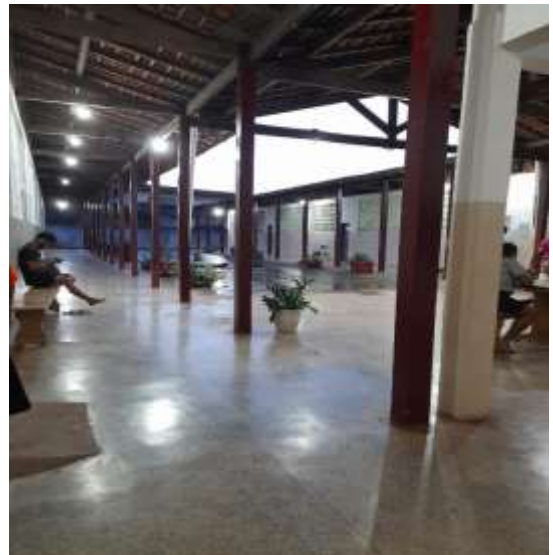
9) Como você lida com o equilíbrio entre os estudos e sua vida pessoal?

Entrada: E.M.E.B PIAUÍ



Fonte: acervo das autoras (2023).

Salão Coberto



Fonte: acervo das autoras (2023).

Área verde da escola e pátio



Fonte: acervo das autoras (2023).

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO A DISTANCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA
EaD

À diretora

Érica Patrícia Dias Góes

Escola Municipal de Educação Básica Piauí

Assunto: Solicitação de documentos para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Curso de Licenciatura em Sociologia EaD – UNIFAP/UAB/CAPEs

Vimos através deste solicitar a Sra. Diretora Érica Patrícia Dias Góes a anuência das acadêmicas Ihane Cristini dos Santos Ferreira (Matrícula: 2018009091), Risonete Cortes de Miranda (Matrícula: 2018009073) e Taina Priscila Pessoa Cordeiro (Matrícula: 2018009046) para realizarem pesquisa de campo junto aos alunos (as) matriculados na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA da Escola Municipal de Educação Básica Piauí.

Na oportunidade, também solicitamos uma cópia do Projeto Político Pedagógico – PPP da escola e dados/informações referente ao quantitativo de alunos (as) matriculados (as) entre os anos de 2019 e 2022, assim como, o quantitativo daqueles (as) que se evadiram da escola no referido período.

Macapá, 20 de maio de 2023.

Documento assinado digitalmente
MIQUEIAS SERRÃO MARQUES
Data: 21/05/2023 18:39:21 -0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Prof. Me. Miquéias Serrão Marques
Professor Formador do curso de Licenciatura em
Sociologia

Recebido em 26/06/23
[Assinatura]

E-mail: sociologia.ead@unifap.br / lis.sociologiaeadunifap@gmail.com
Coordenadora: Profa. Alzira Marques Oliveira (alzira.marques@unifap.br)